

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

NACIONALISMO JUDAICO: IDEOLOGIA URBANA? (*).

JAIME PINSKY

da Faculdade Ibero-Americana Letras e Ciências Humanas (SP).

INTRODUÇÃO.

Mesmo sem aceitar a afirmativa de Filão de Alexandria, segundo a qual

“os judeus em cada país, mal são u'trapassados pelos nativos” (1),

a verdade é que a população judaica era bastante expressiva, na Antiguidade. Cálculos que situam o número de judeus na casa de 5 a 7 milhões, no primeiro século da era cristã, são considerados bastante equilibrados (2); esse número representa um percentual significativo no mundo clássico, talvez algo por volta de 8%.

Na Idade Média ocorre uma diminuição drástica dessa população. A redução do comércio e das cidades deslocaram os judeus de suas principais atividades e fizeram com que partes deles, junto com não-judeus, passasse a se fixar no solo em busca de sustento. Esta *interiorização* não se faz sem sacrifício populacio-

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 3 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1) . — Cf. Filão de Alexandria, 31.124 — in: SMALLWOOD (E. Mary), ed. *Philonis Alexandrini: Legatio ad Gaium*. Leiden, & J. Brill, 1961.

(2) . — Cf. BARON (Salo W.), *A Social and Religious History of the Jews to the beginning of the christian era*. (2.a ed.). New York, Columbia University Press, 1952, v. 1, p. 170 e ENGELMAN (Urich Zevi), *Fontes de estatísticas judaicas in: RATTNER (Henrique) (org.), Nos Caminhos da Diáspora*, São Paulo, Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, 1972, pp. 22 e 23.

nal: uma parcela da população judaica terá perdido sua identidade,ilhada e em contacto com gentos e outra, emprede a ingrata faina de tentar ganhar a vida fora dos quadros da economia se-nhorial. Considerando as características do feudalismo, de pro-dução voltada para o uso, essa atividade signiica, corretamente, preencher funções de comerciantes, usuários e alguns setores do artesanato. A essa “marginalização” do processo produtivo vi-gente na Europa, corresponde um definhamento da população ju-daica que atingiu no século XV o seu limite mais baixo: cerca de 300.000 na Europa, numa população judaica mundial inferior a 1 milhão (3).

A economia mercantil que se desenvolve numa Europa em que o sistema feudal se esboroa, vai encontrar os judeus prepara-dos. Marginalizados de um sistema, e de certa forma, porisso mesmo, sobrevivendo como judeus, eles vão ser os vanguardeiros de um novo.

Para tanto tinham alguns trunfos indiscutíveis, que incluem fáceis conexões internacionais devido a mútua confiança dos ele-mentos do grupo etnocêntrico; experiência no lidar com o dinhei-ro, que as circunstâncias históricas (e não a raça ou religião) de-senvolveram; e mesmo um desvinculamento com relação ao solo, porto referencial para o desenvolvimento de ideologias antijudaicas na Idade Média (4). O enriquecimento das populações judai-cas nesse período vai se refletir de forma direta no crescimento vegetativo; de resto é um processo que ocorre na Europa como um todo. De qualquer forma, teremos no limiar do século XIX uma população judaica mundial da casa de 2.500.000 pessoas (5).

*

1. — QUADRO DEMOGRAFICO.

Se em 1800 vamos encontrar uma população judaica mundial de cerca de dois milhões e meio, em 1900 essa população vai atingir a cifra de 10.600.000, ou seja, pouco mais que o quádruplo da de 1800. Por outro lado, há um decréscimo percentual na população europeia judaica, que, em 1840 tinha 3.950.000 judeus ou 87,8% da população mundial e em 1900 tinha 8.800.000 ou 80,0% dessa população (6).

(3). — ENGELMAN (Uurich Zevi), *op. cit.* p. 25.

(4). — Vide, a respeito, o interessante manual de SACHAR (Howard Morley), *The course of Modern Jewish History*, New York, Dell Publishing Co., Inc., 1958.

(5). — ENGELMAN (Uurich Zevi), *op. cit.* p. 27.

(6). — Cf. *id. ibid.*, p. 27 — Infelizmente, não conseguimos o dado relativo referente a 1800.

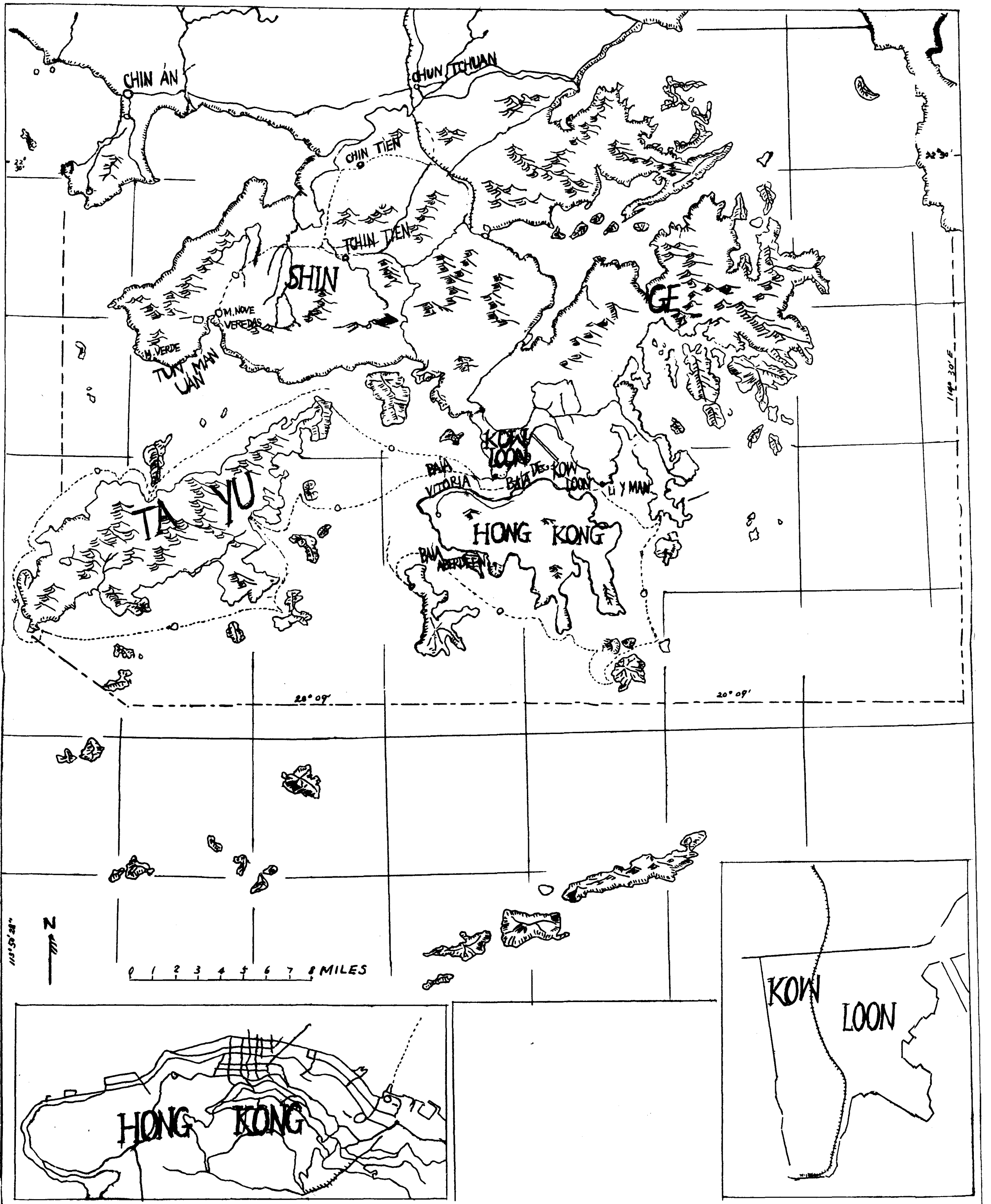
Tabela 1.

Migrantes Judeus de Acordo com os países de Imigração 1840-1914.

Números Absolutos.

Anos	E. U. A.	Canadá	Argentina	Brasil	Outros Países da América	África do Sul	Palestina	Todos os outros Países	Total
1840-1880	200.000	1.600	2.000	500	1.000	4.000	10.000	2.000	221.000
1881-1900	675.000	10.500	25.000	1.000	1.000	23.000	25.000	4.000	764.500
1900-1914	1.346.400	95.300	87.614	8.750	3.000	21.377	30.000	10.000	1.602.441

(7). —Tabela de LESTSCHINSKY (Jacob), "*Migrações Judaicas 1840- 1965*" in RATTNER (H.), *op. cit.*, p. 77.



Desses dados surgem naturalmente duas questões: qual a razão do grande crescimento demográfico ocorrido no século XIX e por que, embora com um aumento significativo em termos absolutos, há um decréscimo relativo?

A primeira pergunta pode ser respondida dentro do panorama de crescimento demográfico geral da Europa. A segunda só pode ser compreendida a partir de uma explicação do processo emigratório que caracteriza o judaísmo europeu, notadamente após 1880, e que se acentua nos primeiros anos do século XX, conforme demonstra a tabela 1.

Tentaremos, no decorrer do trabalho, explicar também porque ocorre esse movimento migratório, mas, por enquanto gostaríamos de lançar os olhos para outro aspecto populacional relativo ao judaísmo europeu: a questão da população urbana e da população rural. Lá pelo fim do século XVIII, inícios do XIX, os judeus se concentraram em aldeias ou pequenas cidades (8).

No decorrer da segunda metade do século passado, a situação vai se invertendo, com a passagem de números cada vez mais significativos de judeus para as grandes comunidades. Veja-se, por exemplo, o percentual de judeus em cidades grandes.

na	Rússia	na	Alemanha
1847	5%	1850	6%
1897	28,2%	1880	32%
1926	50,2%	1900	61,3%

Como se vê, a população judaica passa a ter características urbanas, no que diferencia do grosso das populações "nativas". Esta particularidade vai marcar a vida judaica de forma bastante clara, como verificaremos. Na impossibilidade, porém, de estudar o fenômeno na Europa toda, os limites a que este trabalho deve obedecer, vão demarcar um enfoque especial sobre as cidades russas.

*

(8). — LÉON (Abraham), *La conception matérialiste de la Question Juive*, Paris 1968 p. 137, de onde tiramos, também, o quadro demonstrativo.

2. — A RÚSSIA NO SÉCULO XIX.

Em 1861 entra em vigor na Rússia o “Estatuto dos camponeses libertados da escravidão” que vai se tornar um marco importante na aceleração do processo de transformação da Rússia num país capitalista. Milhões de ex-servos vão para as cidades vender sua força de trabalho, facilitando o desenvolvimento urbano e industrial, especialmente em algumas regiões.

Veja-se por exemplo o vertiginoso crescimento populacional de algumas cidades ucranianas.

População das principais cidades ucranianas (9)
(em milhares).

Cidades	1863	1897	1914
Nicoláiev	64,3	92	103,5
Ekaterínoslav	19,9	112,8	211,8
Khákov	52	174	244,7
Kiev	68,4	247,7	520,5
Odéssa	119	403,8	499,5

Importando máquinas e *know-how* para suas indústrias, a Rússia, tradicional exportadora de cereais, se vê na necessidade de aumentar as exportações apesar da queda dos preços de cereais no mercado internacional.

Exportação de trigo russo (10).

Anos	Em peso	Em valor
1876-1880	287 milhões de puds	291 milhões de rublos
1896-1900	444 milhões de puds	323 milhões de rublos

Nos locais onde a agricultura já tem um caráter capitalista, não há reflexos negativos, mas nas demais partes a crise afeta os próprios meios de subsistência dos camponeses. O novo sistema econômico já começa a afetar todo o sistema produtivo russo.

*

(9) Tabela de PORTAL (Roger), *Os Eslavos — Povos e Nações*, Lisboa, Edições Cosmos, 1956, p. 274.

(10). — Tabela de PORTAL (Roger), *op. cit.* p. 286.

3. — OS JUDEUS PERANTE AS TRANSFORMAÇÕES.

Comerciante e pequeno mercador, estas as ocupações básicas do judeu no início do século XIX. Mas não mais o intermediário importante, senão o pequeno comerciante de aldeia, o taberneiro, o artesão produzindo em escala familiar. De acordo com estatísticas oficiais, em 1818 era a seguinte a estrutura ocupacional dos judeus na Rússia (11):

	*	
	<i>Número absoluto</i>	<i>Porcentagem da população judaica</i>
comerciantes, mercadores e pequenos negociantes	586.000	86,5%
artesãos	79.000	11,6%
agricultores	12.685	1,9%

Como dado complementar, considere-se que, dentre os artesãos, a parte mais expressiva (70%) era composta daqueles que trabalhavam na confecção de roupas, dado que terá influência futura.

Como já vimos, o judeu vivia, nesse período em pequenas cidades e aldeias mantendo aquilo que poderia ser chamado de vida comunitária própria. Com o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, o judeu é diretamente afetado: o comércio passa a ser uma etapa diretamente ligada à produção e não um momento econômico independente, do qual o judeu tinha praticamente o monopólio. A passagem da economia natural para a economia capitalista, esvazia as funções do comerciante característico de um sistema que vai findando e solicita a presença do distribuidor ligado diretamente ao sistema de produção. Ao mesmo tempo o artesão vai concorrer com a indústria, luta inglória cuja vitória está antecipadamente marcada.

Neste momento é que se dá o grande êxodo urbano dos judeus: é o pequeno produtor, é o artesão, é o comerciante, todos perdendo sua função econômica e procurando uma nova ocupação dentro do sistema que os desalojara de suas antigas ocupações. O judeu parte para a cidade grande, a cidade industrializada. Às vezes, até mesmo para as cidades da Europa Ocidental, num processo paradoxal de judaizar comunidades que já estavam num processo assimilatório bastante intenso. Em Odessa, em Berdichev e noutras cidades,

(11). — Cf. MARGULIES (Marcos), *A Evolução dos Contatos Intergrupais na Europa da Idade Média*, tese de doutoramento, USP, 1969, pp. 373 e 373-verso.

grande número de judeus começava a se concentrar. Os mais ricos eram apoiados e estimulados, aproveitando-se sua tradição até para o comércio internacional (12). A grande maioria porém, mantinha ou agravava seu estado de pauperização, quer permanecesse nas aldeias e pequenas cidades ou se deslocasse para as grandes.

O operário judeu travava uma árdua luta por seu direito ao trabalho: saído do pequeno comércio ou do artesanato, concentrava-se, de maneira nítida, como elemento ligado à produção de bens de consumo e não de bens de produção. Borochof mostra bem como os judeus, naquilo que ele chama de pirâmide invertida, vão aumentando de importância quanto mais se distanciam dos setores básicos. Assim, enquanto que na produção agrícola primária a mão-de-obra judaica representa 0,6% da mão-de-obra total na Zona Residencial Russa, na produção industrial primária representa 7,7%, e na última etapa da indústria (vestimento, tipografia, etc.) passa a representar 45,5% conforme a tabela da página seguinte (13).

*

A instabilidade do operariado ou do proprietário de manufaturas judeus torna-se decorrência do próprio desenvolvimento do capitalismo russo. O pequeno burguês, proprietário, não tem como lutar contra o grande capital geralmente não judeu e o operariado judeu, preferencialmente empregado em indústrias judias tem o seu local de trabalho permanentemente ameaçado.

O *lumpen*-proletariado judeu, as massas desempregadas vivendo de expediente, a identificação de judeu com elemento não produtivo são fantasmas que atormentam tanto aqueles que sofrem diretamente o problema, como os que são identificados a eles, enquanto judeus.

Nos últimos anos do século XIX, mais exatamente, a partir de 1880, surgem expressivos movimentos migratórios da Europa Oriental para outros países, mas, de maneira muito especial para os Estados Unidos, como já foi visto em tabela anterior. Ao mesmo tempo desenvolvem-se de forma intensa ideologias nacionais judaicas, importantes não apenas dentro daquele contexto histórico,

(12). — Cf. LESTSCHINSKY (Jacob), *Migrações Judaicas — 1840-1856* em RATTNER (H.), *op. cit.* p. 65: "A exportação de cereais, que estava em expansão e era necessária como estímulo ao capitalismo russo, encontrava-se quase exclusivamente controlada pelos judeus".

(13). — Tabela de BOROJOV (Ber), *Los Interesses de Clase y la Question Nacional in BOROJOV* (Ber), *Bases del Sionismo Socialista*, Tel-Aviv, ediciones Dror, 1972, p. 49.

Ramo de produção	Na Zona Residencial judaica russa.		Na Galitzia.	
	judeus	Porcentagem em todo o país	judeus	porcentagem em todos o país
1. produção agrícola primária:				
agricultura, horticultura e gado	35.822	0,6	47.996	1,5
2. produção industrial primária:				
minas	1.006	1,8	1.053	3,3
pedreiras	5.187	12,5	696	10,3
bosques	3.200	12,4	928	10,6
total item 2	9.393	7,7	2.677	9,5
3. etapas médias secundárias:				
metalurgia	40.082	21,2	4.410	15,9
texteis	33.200	19,0	1.421	14,7
construções	37.136	18,9	3.110	13,0
total item 3	110.418	19,7	8.911	14,5
4. etapas médias terciárias:				
carpintaria	41.359	27,3	4.229	18,1
indústria química	6.514	34,1	1.430	37,9
couro e papel	20.466	43,9	1.938	39,2
total item 4	68.319	31,3	7.597	23,7
5. última etapa de indústria:				
alimentação	44.797	34,8	11.036	48,9
licor e tabaco	23.548	38,3	22.981	70,8
vestimentas	244.534	48,1	20.293	35,2
tipografia	18.996	53,9	450	21,4
total item 5	337.115	45,5	54.765	47,7

mas, principalmente pelas suas repercussões no momento atual. Não pretendemos fazer aqui um estudo específico do problema, já que não se adequaria nem ao tema do Simpósio, nem às naturais limitações de um tipo de trabalho como o que estamos apresentando, mas não podemos nos furtar de tentar integrar a ideologia nacional judaica dentro de um processo histórico em que ela se desenvolveu.

Na realidade, os judeus habitando cidades russas partem para orientação diferente dos quadros que apresentamos: uma parte, como ocorrera na Alemanha em época equivalente (fins do século XVIII, início do XIX) assimila-se. Para tanto não desenvolveram muitas teorias, apenas agiram de forma a desligar-se de sua identidade anterior. Outros irão, como veremos depois, lutar por um mundo socialista dentro do qual, o problema judaico deixaria de existir; para tais — referimo-nos ao *Bund* — o operariado judeu deveria, como classe, lutar para que o processo revolucionário se desencadeasse mais depressa. O *Bund* é também decorrência da presença de judeus nas cidades, fruto mais elevado — em termos de organização — da consciência de classe do proletariado judeu.

Mas, pela sua importância em termos de significação para o momento atual, temos que destacar o nacionalismo judaico, corrente que, em termos políticos, acaba criando o sionismo; Pinsker é, de forma, o primeiro ideólogo desta corrente.

*

4. — AS TEORIAS NACIONAIS JUDAICAS.

Leon Pinsker (1821-1891) era o que se costuma denominar de judeu emancipado, uma excessão na Rússia de então: faculdade de direito em Odessa, medicina em Moscou, médico famoso, outra vez em Odessa.

Achava que o judeu deveria se integrar em termos culturais, a uma Rússia liberal e ideal em que todos os cidadãos seriam iguais, num mundo em que todos os países seriam iguais.

Em 1871 ocorre um *pogrom* em Odessa e dez anos depois boa parte da Rússia é abalada por perseguições anti-judaicas (14). Sob o imposto imediato desses movimentos, Pinsker publica em 1822 seu panfleto *Auto-emancipação: um apelo de um judeu russo a seu povo* (15). Em seu trabalho,

(14). — Ver mapa — n. 4.

(15). — Há 2 edições em português desta obra: PINSKER (León) — *Autoemancipação*, trad. Idel Becker, São Paulo, Biblioteca Judaica, 1942 e PINSKER (León), *Autoemancipação*, in, GUINSBURG (Jacó) (org.), *O Judeu e a Modernidade*, São Paulo, Perspectiva, 1970, pp. 181 a 194.

“a 1.a articulação acabada de uma doutrina sionista colocada diretamente como uma solução para o problema judeu” (16)

Pinsker conclui:

“Os judeus não são uma nação vivente; são, por toda a parte, estrangeiros; porisso são desprezados.

A equipação civil e política dos judeus não é suficiente para eleva-los na estima dos povos.

O remédio apropriado, o único, seria a criação duma nacionalidade judia, dum povo sobre terra própria, a auto-emancipação dos judeus, a sua equiparação com nação entre as nações, pela aquisição dum lar próprio.

Não nos iludamos de que a humanidade e o esclarecimento dos espíritos possam ser, jamais, remédios radicais para a doença do nosso povo.

A falta de dignidade nacional e de confiança em si mesmos, de iniciativa política e de unidade são os inimigos de nossa renascença nacional.

Para não sermos obrigados a errar dum exílio para outro, devemos possuir uma extensa produtiva terra de refúgio, um ponto de reunião, que seja nosso.

O momento é o mais favoravel para este plano exposto.

A questão judia internacional deve achar uma solução nacional.

De certo, a nossa renascença nacional só muito lentamente poderá processar-se. Nós devemos dar o primeiro passo. Os Nossos decedentes deverão seguir-nos, mesuradamnte, sem precipitações.

.....” (17).

Pinsker incorpora, desde logo, a noção de identidade nacional subjacente ao tipo de unidade política existente na Europa naquela época: trata-se do Estado Nacional Burguês, teoricamente voltado aos interesses dos componentes de seus quadros, dando privilégios a estes e olhares piores aos demais (o retrato é obviamente falso, mas por enquanto estamos apenas acompanhando o raciocínio do autor). Para Pinsker, o quadro é claro: elementos de uma nacionalidade tendem a se unir contra o estrangeiro em

(16). — HALPERN (Ben), *The Idea of the Jewish State*, second edition, Cambridge, Massachussetts, Howard Universtiy, 1969.

(17). — PINSKER (L.), *Autoemancipação*, trad. Idel Becker, São Paulo Biblioteca Judaica, 1942, pp. 162-163.

sua terra. Em muitos casos o problema não é grave porque se um estrangeiro não é bem tratado aqui, meu concidadão poderá não ser bem recebido na terra do outro. Nesse caso, ao menos por temor ou equilíbrio de forças, manter-se certo respeito. No que se refere ao judeu, porém, isto não vai ocorrer:

Não sendo “nativo” em nenhuma parte seu caráter estrangeiro, por assim dizer, se agudiza. Para que estes estrangeiros (leia-se, ele, Pinsker) tenham possibilidades de ser mais bem aceitos, é fundamental a

“criação duma nacionalidade judia, dum povo sobre terra própria”.

Apesar de Pinsker sempre falar no plural, incluindo-se entre aqueles que devem buscar solução *numa terra própria*, ele se trai em certas passagens do seu trabalho, como quando diz que a solução deve ser para os excedentes, que são para si mesmos e para os demais uma carga (18) ou quando afirma que a solução de lar nacional não será para os judeus da Europa Ocidental e que

“mesmo lá, onde os judeus não são tolerados de bom grado, os ricos podem ficar”. (19).

“posição real” de Pinsker vai ficando nítida a partir daí: sua tentativa de identificação com a “sociedade ampla” russa, estava sendo “sabotada” pelos judeus desenraizados, aqueles que saindo das aldeias e pequenas cidades para as metrópoles, acabaram em grande número numa posição de lumpen, de acordo com o processo que esclarecemos acima. Na perseguição a estes judeus em progroms ou na raiva surda do dia-a-dia, a situação tornava-se incômoda a todos os judeus, não apenas àqueles. Pinsker, embora excessão no seu tempo, “emancipado” que era, acabava sendo incluído pela “sociedade ampla” como judeu. Mistificando o problema, — e de certa forma agindo a partir da mesma perspectiva utilizada pelas hordas que executavam os progroms — Pinsker se ilude e dá a um problema de cunho sócio-econômico, cujo mecanismo, explicamos acima, caráter retirado de uma Europa burguesa e nacionalista, criando assim uma ideologia.

(18). — *Id. ibid.* — p. 155.

(19). — *Id. ibid.* — p. 155.

Hertzberg diz que

“a importância primordial de Pinsker não se coloca ao nível prático mas intelectual. Auto-emancipação é o primeiro grande depoimento do tormento do judeu voltado para seu próprio nacionalismo devido ao fato de ter sido rejeitado pelo mundo” (20).

Essa “rejeição pelo mundo” parece ser uma característica comum tanto a Pinsker, como a Herzl, o chamado fundador do sionismo político (21). Enquanto Pinsker é movido pelos *progroms* na Rússia, a escrever *Auto-emancipação*, Herzl é levado a tomar suas posições após o *Affaire Dreyfus*. Judeus os dois, ambos “emancipados”, mas levados pelo anti-semitismo a despertarem para um problema que já não mais consideravam seu: o da nacionalidade judaica.

O fato de o sionismo ter sido “criado” por judeus emancipados poderia dar a falsa impressão de que não foi encontrada uma “solução extra-nacional” para os judeus. Isto não é verdade. A assimilação judaica na Europa foi frequente, notadamente entre “emancipados”. O compositor Felix Mendhelsson (1809-1847) era neto do intelectual “ilustrado” Moisés Mendhelsson (1729-1786), que teve também duas filhas batizadas; Marx foi convertido do judaísmo para o protestantismo, quando criança, por seu pai; as comunidades judaicas da Europa Ocidental, como um todo, ficaram profundamente abaladas com o ritmo de casamentos mistos que ocorriam provocando a repulsa do judaísmo oriental e mesmo a criação de uma terminologia pejorativa com relação aos “alemães”.

Tanto Pinsker quanto Herzl, em suas obras, dão a entender que o anti-semitismo é algo que tende a acompanhar o judeu de forma permanente, de maneira que a alternativa é esse judeu se armar da melhor forma possível para defender-se; e a defesa, num caso e noutro, está ligada a uma conscientização em termos de nacionalidade. Isto é bastante compreensível: ao anti-semitismo, em si uma ideologia, na medida em que atribui ao judaísmo — como religião, cultura ou nacionalidade — culpas que teriam que ser buscadas de forma científica na história, corresponde o nacionalismo judaico, de Pinsker e Herzl, também uma ideologia.

(20). — HERTZBERG (Arthur), *The Zionist Idea*, New York, Atheneum, 1963, p. 181.

(21). — Cf. HERZL (Theodor), *O Estado Judeu*, trad. de David José Perez, Rio de Janeiro, O.S.U.B., 1947.